



## A FUNÇÃO DA RETRADUÇÃO: GRANDE SERTÃO: VEREDAS EM FRANCÊS

### THE FUNCTION OF RETRANSLATION: GRANDE SERTÃO: VEREDAS IN FRENCH

Sheila Maria dos Santos\*

#### RESUMO

Pretende-se, neste artigo, refletir sobre o conceito de retradução no campo dos Estudos da Tradução e suas implicações na recepção crítica de determinado autor e obra em outro país. Segundo Kahn e Seth (2010), a retradução é, sobretudo, uma atualização de um texto, que tem por objetivo central expor ao leitor da cultura de chegada uma nova interpretação da obra em questão, de modo que se apresenta naturalmente como um texto reativo. Nesse sentido, mais que a tradução, a retradução se aproxima da crítica literária, uma vez que pretende refazer um trabalho julgado insatisfatório, ou transitório, partindo de uma leitura crítica reparatória, de certa forma. Assim, para explorar tal conceito serão utilizados os trabalhos de críticos como Antoine Berman, Robert Kahn, Yves Gambier, entre outros, além de excertos retirados de *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, bem como de suas traduções francesas, a fim de ilustrar as considerações aqui expostas.

**Palavras-chave:** retradução; *Grande Sertão: Veredas*; João Guimarães Rosa.

#### ABSTRACT

*This work intends to reflect on the concept of retranslation in the field of Translation Studies and its implications for the critical reception of an author and work in another country. According to Kahn and Seth (2010), the retranslation is, above all, an update of a text, whose main objective is to expose the reader of the target culture to a new interpretation of the work in question, so that it naturally presents itself as a reactive text. In this sense, more than translation, retranslation is closer to literary criticism, as it intends to redo a work judged to be unsatisfactory, or transitory, starting from a reparatory critical reading, in a way. Thus, to explore this concept, the works of critics such as Antoine Berman, Robert Kahn, Yves Gambier, among others, will be used, as well*

\* Professora adjunta de Língua Francesa na Universidade Federal de Santa Catarina e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET). E-mail: dossantos.sheilamaria@gmail.com. ORCID: 0000-0001-6290-6367

as excerpts taken from *Grande Sertão: Veredas*, by João Guimarães Rosa, as well as their French translations, in order to illustrate the considerations set out here.

**Keywords:** *retranslation*; Grande Sertão: Veredas; João Guimarães Rosa.

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo central desse artigo é refletir sobre o conceito de retradução e suas implicações textuais, bem como na recepção crítica da obra e autor em questão. Para tanto, tomarei como exemplo *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, obra canônica da Literatura Brasileira. A título de ilustração da classificação de *Grande Sertão: Veredas* como cânone, cito Alfredo Bosi, em sua *História concisa da Literatura Brasileira* (2006), em que afirma que “A alquimia, operada por João Guimarães Rosa, tem sido o grande tema da nossa crítica desde o aparecimento dessa obra espantosa que é *Grande Sertão: Veredas*” (2006, p. 458). Em âmbito internacional, em 2002, o Clube do Livro da Noruega incluiu a obra em sua lista dos melhores livros de todos os tempos, sendo a única obra brasileira da lista.

A escolha por tal objeto de estudo deu-se por conta da complexidade linguística de *Grande Sertão: Veredas*, em que as inovações operadas na língua, bem como o alto número de marcadores culturais, exercem grande resistência à tradução e, com frequência, exigem mais rapidamente que ocorra o trabalho de retradução, com vistas à reparação de aspectos linguísticos julgados negativamente pela crítica, por exemplo. Além disso, trata-se de um clássico da Literatura Brasileira, publicado por um dos autores mais emblemáticos das letras nacionais, João Guimarães Rosa, aclamado por ter operado uma verdadeira revolução na língua portuguesa, como afirma a pesquisadora Marie-Hélène Catherine Torres, em seu livro *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*, ao refletir sobre o caráter revolucionário da linguagem rosiana, “*nourri d'archaïsmes et d'éléments érudits*” (2004, p. 234). Além do trabalho precitado, destaco a tese de Márcia Valéria Martinez de Aguiar, “Traduzir é muito perigoso: As duas versões francesas de *Grande Sertão: Veredas* – historicidade e ritmo” (2010), como fontes de pesquisa sobre as traduções francesas de *Grande Sertão: Veredas*.

Assim, tomando como base excertos retirados da obra de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (1956), bem como de sua primeira tradução francesa, publicada pela editora Albin Michel, sob o novo título *Diadorim* (1965), em tradução de Jean-Jacques Villard, e a retradução francesa, de 1996, realizada por Maryvonne Lapouge-Pettorelli, também publicada pela Albin Michel, sob o mesmo título, buscarei discorrer sobre a função da retradução.

## 2 A RETRADUÇÃO COMO CRÍTICA

Antoine Berman, um dos teóricos mais conceituados dos Estudos da Tradução, atribui ao tempo a necessidade de retraduzir uma obra. Segundo o autor, ainda que os originais se mantenham eternamente jovens no sistema literário em que surgiram, as traduções envelhecem, pois “*Correspondant à un état donné de la langue, de la littérature, de la culture, il arrive, souvent assez vite, qu'elles ne répondent plus à l'état suivant. Il faut, alors, retraduire, car la traduction existante ne joue plus le rôle de révélation et de communication des œuvres*” (BERMAN, 1990, p. 1). De opinião semelhante é Jörn Albrecht, ao declarar que “*Aujourd'hui les spécialistes en la matière sont unanimes; l'opinion commune actuelle veut que toute traduction vieillisse plus rapidement que l'œuvre originale*” (ALBRECHT, 2011, p. 12).

Dessa forma, retira-se do tradutor o peso da responsabilidade sobre a necessidade de refazer um trabalho existente: as traduções envelhecem. Conquanto Antoine Berman aponte o fator temporal como responsável pela prática da retradução: “*Il faut retraduire parce que les traductions vieillissent, et parce qu’aucune n’est la traduction: par où l’on voit que traduire est une activité soumise au temps, et une activité qui possède une temporalité propre: celle de la caducité et de l’inachèvement*” (BERMAN, 1990, p. 2), o autor pondera tal caducidade em determinados casos, em que as traduções ascendem à categoria de original e, portanto, não envelheceriam, como outras traduções. Segundo o teórico, são exemplos de grandes traduções:

A Vulgata de São Jerônimo, a Bíblia de Lutero, a Authorized Version, são grandes traduções. Mas, também o Plutarco de Amyot, as Mil e uma noites de Galland, o Shakespeare de Schlegel, a Antígona de Hölderlin, o Don Quixote de Tieck, o Paraíso perdido de Milton por Chateaubriand, o Poe de Baudelaire, o Baudelaire de Stefan George: eis uma liste, de modo algum exaustiva, de grandes traduções. Que não envelhecem (BERMAN, 1990, p. 2, tradução minha).<sup>1</sup>

Porém, é importante ressaltar que o fato de se tornarem “grandes traduções” não significa que tais textos prescindam de retradução, afinal, basta considerarmos a lista de grandes traduções de Antoine Berman para identificarmos que todas estas obras já foram retraduzidas, mas que estas grandes traduções, por vezes, tornam-se as mais lidas e mais difundidas, mesmo após receber retradução, atuando à semelhança dos originais. Além dos casos citados por Berman, é possível acrescentar, no contexto brasileiro, a célebre tradução da obra de Marcel Proust, *À la Recherche du temps perdu* (1919-1927), realizada pela Livraria do Globo, que contou com grandes nomes da literatura brasileira, tais como Mario Quintana, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Lúcia Miguel Pereira para sua realização. Assim, mesmo após ter recebido retradução integralmente realizada por Fernando Py, a partir da versão definitiva de 1987, a primeira tradução, realizada a partir da primeira edição da *Recherche*, conhecida por ser a mais problemática, ainda continua a ser a mais vendida no sistema literário brasileiro.

O fato de João Guimarães Rosa conhecer diversos idiomas, tais como o inglês, alemão, francês, espanhol, italiano, entre outros, além de ter visto sua obra traduzida para várias línguas em vida, permitiu que conhecêssemos sua opinião a respeito de algumas traduções de *Grande Sertão: Veredas*. Aliás, a extensa troca de correspondência com seus tradutores foi organizada em dois livros, primeiramente das cartas trocadas com o italiano Edoardo Bizzarri, publicado em 1972 e reeditado em 1981, e o segundo com o alemão Curt Meyer-Clason, publicado em 2003.

Contrariamente à opinião de Antoine Berman quanto à caducidade das traduções e seu caráter transitório, João Guimarães Rosa julgava ter encontrado na tradução alemã de Curt Meyer-Clason a sua versão definitiva, responsável pelo sucesso internacional de *Grande Sertão: Veredas*, conforme declara: “Estou certo de que não me engano. De que a tradução alemã vai ser a de maior rigor e valor, tradução-mãe, a tradução-base. Ela é que virá dar-nos, mundialmente, a nós dois maiores aplausos”.<sup>2</sup> Um ano mais tarde, o autor reforça a ideia da superioridade da tradução alemã:

<sup>1</sup> “La Vulgate de Saint Jérôme, la Bible de Luther, l’*Authorized Version* sont de grandes traductions. Mais aussi le Plutarque d’Amyot, les *Mille et Une Nuits* de Galland, le Shakespeare de Schlegel, l’*Antigone* de Hölderlin, le *Don Quichotte* de Tieck, le *Paradis perdu* de Milton par Chateaubriand, le Poe de Baudelaire, le Baudelaire de Stefan George: voilà une liste, nullement exhaustive, de grandes traductions. Qui ne vieillissent pas” (BERMAN, 1990, p. 2).

<sup>2</sup> Carta de João Guimarães Rosa a Curt Meyer-Clason, datada de 17 de junho de 1963. p. 116.

Não tenho dúvida de que a tradução será a melhor, a mais válida, a que virá prestigiar no mundo o Grande Sertão: Veredas. Por isto mesmo, estou «freando», retardando os pedidos de editoras sueca, norueguesa, finlandesa, e da Iugoslávia e Tchecoslováquia – até que a nossa edição alemã seja publicada, podendo servir, àquelas, como tradução-mãe, básica e orientadora.<sup>3</sup>

Assim, o autor equipara a tradução alemã ao original, tratando-os, indistintamente, como versões de uma mesma obra maior, cuja realização plena só ocorreria em conjunto com suas grandes traduções, para usar uma expressão bermaniana. Nesse sentido, Guimarães Rosa aproxima-se da visão de Haroldo de Campos (CAMPOS, 2013, p. 5), quando este afirma ser a tradução categoria análoga à criação, assim como à crítica.

João Guimarães Rosa mostra-se, nas correspondências trocadas com Meyer-Clason, sempre muito interessado e disposto a auxiliá-lo da forma que pudesse, como quando atende à solicitação do tradutor:

Poderia o amigo preparar, à sua conviência, uma lista contendo todo e qualquer nome, termo técnico e expressão, designando um conteúdo concreto ou conceito especial, que seja próprio do Brasil, e especialmente de Minas, a fim de que eu possa procurar ou um nome novo ou uma circunscrição que transmita o seu conteúdo sensível e sentido palpável o mais possível?<sup>4</sup>

Ao que Guimarães Rosa responde com uma lista de quatro páginas com termos que julgara de difícil tradução por conta de suas especificidades linguístico-culturais. É explícita, nas cartas trocadas com Meyer-Clason, a predileção pela tradução alemã, em detrimento das demais que estavam sendo produzidas no mesmo período. Além do próprio autor, Antoine Berman demonstra, em sua obra, *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995), apreço ao trabalho de Meyer-Clason, reconhecendo o potencial criativo de sua tradução, bem como de sua reflexão crítica sobre a prática tradutória:

Vale para o tradutor o que Hölderlin dizia sobre o poeta, que sua “sensibilidade deve ser inteiramente organizada”. O tradutor alemão de literatura latino-americana Meyer Clason uma vez me disse que era um *Bauchübersetzer*, um tradutor que traduzia com o estômago. É assim que todo tradutor deve ser, se quiser que sua tradução também nos pegue pelo estômago. Mas Meyer Clason, que traduzira Grande Sertão: veredas, de Guimarães Rosa, obra ela própria marcada por um misto de oralidade popular e reflexividade, sabia muito bem que a sua obra exigira dele muita reflexão, que aliás expôs em um artigo nada ingênuo. (BERMAN, 1995, p. 79, tradução minha).<sup>5</sup>

No que concerne às traduções francesas de *Grande Sertão: Veredas*, temos apenas a opinião de João Guimarães Rosa sobre a primeira, uma vez que a retradução fora realizada após o faleci-

<sup>3</sup> Carta de João Guimarães Rosa a Curt Meyer-Clason, datada de 14 de fevereiro de 1964. p. 163.

<sup>4</sup> Carta de Curt Meyer-Clason a João Guimarães Rosa. Datada de 17 de janeiro de 1963. In: ROSA, J. G. *Correspondência com seu tradutor alemão, Curt Meyer-Clason*. Op. cit. p. 99.

<sup>5</sup> «Vaut pour le traducteur ce que Hölderlin disait du poète, que sa « sensibilité doit être entièrement organisée ». Le traducteur allemand de littérature latino-américaine Meyer Clason me disait un jour qu’il était un *Bauchübersetzer*, un traducteur qui traduisait avec son ventre. C’est bien ce que tout traducteur doit être aussi s’il veut que sa traduction nous prenne, elle aussi, au ventre. Mais Meyer Clason, qui avait traduit Grande Sertão: veredas, de Guimarães Rosa, une oeuvre elle-même marquée par un mélange d’oralité populaire et réflexivité, savait fort bien que son travail avait exigé de lui toute une réflexion, qu’il avait d’ailleurs exposé dans un article rien moins que naïf» (BERMAN, 1995, p. 79).

mento do autor. Não obstante, o autor nos apresenta uma apreciação assaz diferente daquela dirigida à tradução alemã. Guimarães Rosa ressalta o problema dos apagamentos, afirmando ser prática corrente no sistema literário francês:

Saiu a tradução francesa, pela Albin Michel. Já recebi um exemplar, por via aérea. O livro ficou bonito, e a tradução não está má; mesmo, fiquei grato, a leitura alegrou-me bastante. Naturalmente, como sempre fazem os franceses, houve cortes, às vezes infelizes. A coisa engrossou, perdendo muito da sutileza. E já fiz a lista dos enganos ou erros principais – os que descobri só de leitura, por enquanto, sem fazer o cotejo com o original. Acho bem melhor que a norte-americana. [...] De qualquer modo, a sua tradução [a alemã, de Curt Meyer-Clason] fica sendo a definitiva.<sup>6</sup>

Apesar das críticas, Guimarães Rosa reconhece a superioridade da tradução de Jean-Jacques Villard à versão americana, avaliada negativamente pelo autor. A fim de identificar a natureza das transformações operadas na retradução francesa, seguem abaixo alguns excertos para análise:

JGR, 1956	JJV, 1965	MLP, 1996
Nonada. (p. 9)	<i>Foutaises !</i> (p. 11)	<i>Que nenni !</i> (p. 21)
Nonada ! (p. 311)	<i>Foutaises !</i> (p. 225)	<i>Que nenni</i> (p. 265)
Nonada. (p. 326)	<i>Bêtises</i> (p. 237)	<i>Que nenni.</i> (p. 277)
Nonada. (p. 411)	<i>Des foutaises</i> (p. 397)	<i>Des sornettes</i> (p. 456)
Nonada. (p. 595)	<i>Quelque peu</i> (p. 430)	<i>Brouilles</i> (p. 487)
Nonada. (p. 608)	<i>Foutaises</i> (p. 439)	<i>Que nenni</i> (p. 497)

Fonte: a autora.

Ao lermos a obra é possível identificar distintas acepções para a palavra “nonada”, como sugere a variedade de termos utilizados pelos tradutores franceses para traduzir o neologismo rosiano. Nota-se, portanto, nesses exemplos, um processo de clarificação operado pelos tradutores, em busca de uma tradução que se ativesse mais ao sentido do texto-fonte que a sua forma, deixando de lado a preocupação com a manutenção de tais elos linguísticos, como o termo que compõe o *incipit* e o *excipit* do romance. O mesmo ocorre com a palavra “travessia”, que aparece vinte e uma vezes ao longo da obra, dentre as quais no *excipit*:

JJV, 1956	JJV, 1965	MLP, 1996
Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. <b>Nonada.</b> O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. <b>Travessia.</b> ∞	<i>Monsieur a été bien aimable de m'écouter, il a confirmé mon idée que le Diable existe pas. S'pas ? Monsieur est un homme de qualité, avisé. Nous sommes amis. Foutaises. Y a pas de diable ! C'est ce que je dis, à moins qu'il existerait... Ce qu'existe, c'est l'homme, l'être humain. Un passage.</i> ∞	<i>Vous m'avez écouté bien aimable, vous avez confirmé mon idée : que le Diable n'existe pas. N'est-ce pas ? Vous êtes un homme souverain, circunspect. Nous sommes amis. Que nenni ! Le diable n'existe pas ! C'est ce que je dis, quand bien même... Ce qui existe, c'est l'homme humain. Traversée.</i> ∞

Fonte: a autora.

<sup>6</sup> Carta de João Guimarães Rosa a Curt Meyer-Clason. Datada de 27 de março de 1965. *Op. cit.* p. 259.

O termo “travessia”, que encerra o romance, é traduzido de diferentes formas por Villard, além de sofrer apagamentos em dois trechos (p. 53, 210), ao passo que Lapouge-Pettorelli opta por manter a mesma tradução em todas as ocorrências, a saber, “*traversée*”, sem operar nenhum apagamento. Nesse caso, é possível identificar uma posição tradutória distinta de seu predecessor, que utiliza formas como “*Au milieu des événements*” (p. 31), “*fuite*” (p. 136), “*moment*” (p. 170), “*traversée*” (p. 221), entre outros, para traduzir a palavra “travessia”.

Quanto aos neologismos presentes no romance, destaco alguns exemplos a título de discussão:

JGR, 1956	JJV, 1965	MLP, 1996
Coraçãoados (p. 217)	X (p. 161)	<i>Qui dicte le cœur</i> (p. 193)
Pedacinhozinho (p. 20)	<i>Tout petit bout</i> (p. 19)	<i>Tout petit bout</i> (p. 33)
Trêsmante (p. 29)	X (p. 26)	<i>J'ai trois souvenirs</i> (p. 40)
Manhãzim (p. 48)	<i>Au petit jour</i> (p. 38)	<i>Au petit jour</i> (p. 55)
Criaturo (p. 55)	<i>Créature</i> (p. 44)	<i>Créature</i> (p. 61)
Conhecença (p. 72)	<i>Connaissance</i> (p. 57)	<i>Connaissance</i> (p. 75)
Sempremente (p. 176)	<i>Toujours</i> (p. 130)	<i>Du matin au soir</i> (p. 158)

Fonte: a autora.

Os neologismos fazem parte da escrita rosiana e estão presentes ao longo de toda a obra. Com efeito, João Guimarães Rosa não percebia a língua portuguesa como um sistema fechado, mas como um instrumento vivo a serviço da criação literária. Nesse sentido, as palavras de Xisto, Campos e Campos (1970) são esclarecedoras:

O lugar privilegiado que a prosa de Guimarães Rosa ocupa no ficcionismo de nossos dias se explica por uma coisa: sua maneira de considerar o problema da linguagem. Do assim chamado “*rayonnement*” de James Joyce – que abrange prosadores como os americanos Thomas Wolf e Alfred Doebelin, por exemplo – praticamente ninguém ousou herdar as implicações da revolução joyciana no que ela havia de perturbação do instrumento linguístico (XISTO; CAMPOS; CAMPOS, 1970, p. 71).

Essa perturbação do instrumento linguístico, da qual fala Haroldo, surge, também, sob a forma de criação neológica, como destaco nos exemplos anteriores. Aliás, a esse respeito, Alfredo Bosi aponta alguns procedimentos estéticos operados por Guimarães, para quem “a palavra é sempre um feixe de significações” (BOSI, 2006, p. 458), dentre os quais as “células rítmicas, aliterações, onomatopeias, rimas internas, ousadias mórnicas, elipses, cortes e deslocamentos de sintaxe, vocabulário insólito, arcaico ou de todo neológico, associações raras, metáforas, anáforas, metonímias, fusão de estilos, oralidade” (BOSI, 2006, p. 459). Diante dessa profunda transformação dos códigos formais, os tradutores franceses adotam postura semelhante, normatizando desvios e retirando da obra seu componente inovador. Ambos elegem a explicação como procedimento tradutório para os neologismos criados por Guimarães Rosa através de um processo de afixação, por meio do qual o autor atribui novos sentidos a palavras correntes da língua portuguesa. Segundo Gambier,

A retradução não é descoberta no sentido trivial da palavra; é, todavia, descoberta no seu esforço de reaproximação literal: ela descobre uma escrita encoberta pelas normas e pelas convenções da língua de chegada. Se há retorno, é através do desvio da primeira tradução, ela própria frequentemente trabalho de apropriação (GAMBIER, 2020, p. 304).

No entanto, a retradução mostra-se igualmente contida diante da criação rosiana.

Conforme declara Ladmiral, “*il faudra prendre le risque proprement littéraire d’écrire*” (LADMIRAL, 2004, p. 22). Ora, é possível identificar em ambas as traduções francesas um receio em assumir o risco propriamente literário da criação poética, uma vez que em nenhum dos casos houve a criação de neologismos com vistas à manutenção desse aspecto caro à estética rosiana. Com isso, os tradutores confirmam a afirmação de Inês Oséki-Dépré sobre o perfil do tradutor francês:

O tradutor francês visa à literarização (adequação entre sua tradução e o sistema literário francês), à transparência de sentido, mesmo que precise reorganizar as “construções emaranhadas”, “tortuosas”, “barocas” frequentemente presentes nos textos provenientes da literatura latino-americana (OSEKI-DEPRE *apud* BALLARD, 2011, p. 20, tradução minha).<sup>7</sup>

Com efeito, as escolhas dos tradutores franceses de *Grande Sertão: Veredas* corroboram a afirmação de Oseki-Dépré no que diz respeito à busca pela adequação ao gosto francês, ao apagamento de formas que possam chocar o leitor e, conseqüentemente, afetar a recepção da obra traduzida. Assim, a pressão do sistema literário acaba afetando a atuação dos tradutores, impelidos a atender às expectativas literárias do público-leitor, como ocorre, por exemplo, com os desvios da norma gramatical presentes no texto, que são sistematicamente “corrigidos” segundo a norma padrão. A esse respeito, convém pensarmos na função da retradução, sobretudo no que concerne à necessidade de reformulação da tradução por fatores temporais. Segundo Kahn e Seth:

Estimou-se em trinta anos o tempo de vida de uma tradução de uma grande obra, trata-se de uma duração média, próxima das edições científicas de referência de grandes textos literários, e que cobre uma variedade considerável de casos e durações reais. Apesar desta espécie de caducidade inevitável, cada nova tradução, mesmo – e sobretudo, poder-se-ia dizer – de um texto canônico, suscita também, quase necessariamente ou por essência, a louca esperança, sempre renovada, senão de um sucesso tão completo que acabaria com a busca pelo sentido e, para retomar Meschonnic, pelo “ritmo”, pelo menos de um real progresso, nessa busca. Assim, estaríamos sempre caminhando rumo a uma maior autenticidade e legibilidade (KAHN; SETH, 2010, p. 8, tradução minha).<sup>8</sup>

A estimativa de vida útil da tradução já foi debatida por diversos teóricos, dentre eles, Antoine Berman, Meschonnic, Ladmiral, Gambier etc., chegando ao consenso de trinta anos, apontando por Kahn e Seth. Com efeito, trata-se do período que distancia as duas traduções francesas de *Grande Sertão: Veredas*, porém ao realizarmos o cotejo integral dessas obras, alguns questionamentos foram suscitados quanto à expectativa de atualização do texto por via da retradução. Conforme declara Kahn e Seth no trecho acima, apesar do caráter transitório inerente à tradução,

<sup>7</sup> «Le traducteur français vise à la littérisation (adéquation entre sa traduction et le système littéraire français), à la transparence du sens, quitte à réorganiser les “constructions enchevêtrées”, “tortueuses”, “baroques” fréquemment présentes dans les textes en provenance de la littérature latino-américaine» (OSEKI-DEPRE *apud* BALLARD, 2011, p. 20).

<sup>8</sup> «On a estimé à une trentaine d’années environ la durée de vie d’une traduction d’une grande œuvre, il s’agit là d’une durée de vie moyenne, proche de celles des éditions scientifiques de référence de grands textes littéraires, et qui recouvre une variété considérable de cas et de durées réelles. Malgré cette sorte de péremption inévitable, chaque nouvelle traduction, même – et surtout, serait-on tenté de dire – d’un texte canonique, suscite aussi, presque nécessairement ou par essence, le fol espoir, toujours renouvelé, sinon d’une réussite si complète qu’elle mettrait un point final à la quête du sens et, pour reprendre Meschonnic, du “rythme”, de moins d’un réel progrès, dans cette quête. On irait ainsi toujours vers plus d’authenticité, de lisibilité» (KAHN; SETH, 2010, p. 8).

toda retradução, sobretudo de textos canônicos, suscita o desejo de longevidade, de permanência desse novo texto. O autor aponta, igualmente, como características da retradução a eterna busca por uma maior autenticidade e legibilidade.

No entanto, a análise das traduções francesas de *Grande Sertão: Veredas* nos guia em direção a outras conclusões. Primeiramente, é preciso distinguir a busca por autenticidade da busca por legibilidade, sobretudo de um texto constituído de desvios linguísticos, criações neológicas, construções insólitas, pois, nesse caso, a busca por autenticidade iria na contramão da legibilidade. Assim, enquanto a tradução, em geral, tende a ser mais conservadora, afeita a explicações e clari-ficações, em busca de uma maior aceitação por parte do leitor, a retradução busca atualizar o texto, restituindo determinados aspectos julgados negativamente na tradução. A esse respeito, Gambier afirma que “uma primeira tradução tende sempre a ser bastante assimiladora, a reduzir a alteridade em nome de imperativos culturais, editoriais: fazem-se cortes, modifica-se o original em nome de uma certa legibilidade, ela própria critério de venda. A retradução nestas condições consistiria em um retorno ao texto-fonte” (GAMBIER, 2020, p. 304).

Segundo Chevrel, “*traduire pour la deuxième fois peut signifier traduire contre une première traduction, jugée insatisfaisante*” (CHEVREL, 2010, p. 12). Ora, neste caso, ainda que a tradução possua uma série de questões passíveis de revisão, conforme aponta o próprio João Guimarães Rosa após ter lido o trabalho de Villard, a retradução, em geral, assume contornos muito semelhantes à sua predecessora, sobretudo no que diz respeito aos neologismos e aos desvios da norma gramatical, ambos suprimidos das traduções francesas. Kahn e Seth afirmam que “*La retraduction enrichit le patrimoine, témoigne de l’inventivité, de la plasticité, de la mobilité de la langue*” (KAHN; SETH, 2010, p. 9), no entanto vemos na retradução um certo receio em promover qualquer tipo de “perturbação do aparelho linguístico”, o que implica na estagnação da língua. De acordo com Umberto Eco:

Uma tradução orienta sempre a um certo tipo de leitura da obra, assim como a crítica propriamente dita o faz, pois, se o tradutor negociou optando por focar sua atenção em determinados níveis de leitura do texto, automaticamente dirigiu a atenção do leitor para esses aspectos. Também neste sentido as traduções de uma mesma obra se integram, pois, frequentemente, nos levam a ver o original sob diferentes pontos de vista (ECO, 2011, p. 312, tradução minha).<sup>9</sup>

Conforme dito anteriormente, ambas as traduções francesas de *Grande Sertão: Veredas* foram publicadas pela editora Albin Michel, sob o novo título *Diadorim*, em 1965, em tradução de Jean-Jacques Villard, e a retradução, de 1996, realizada por Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Além de possuírem o mesmo título, que orienta o leitor em direção à relação amorosa entre Diadorim e Riobaldo, excluindo a dimensão social do sertão, questão central para João Guimarães Rosa, os tradutores assumem postura semelhante diante das inovações linguísticas rosianas, conforme apontado nos exemplos anteriores. Para Gambier, a retradução “estaria ligada à noção de reatualização dos textos, determinada pela evolução dos receptores, de seus gostos, de suas necessidades, de suas competências...” (GAMBIER, 2020, p. 302). Nesse sentido, a semelhança entre tradução e retradução pode ser entendida como um reflexo do gosto do leitor francês, afeito

<sup>9</sup> «Une traduction oriente toujours à un certain type de lecture de l’œuvre, comme le fait la critique proprement dite, parce que, si le traducteur a négocié en choisissant de porter son attention sur certains niveaux de lecture du texte, il a automatiquement focalisé sur eux l’attention du lecteur. Dans ce sens aussi, les traductions de la même œuvre s’intègrent entre elles, car souvent, elles nous amènent à voir l’original sous des points de vue différents» (ECO, 2011, p. 312).



ao *bon usage* da língua francesa. Gambier afirma, ainda, que “apenas a retradução combina a dimensão sociocultural com a dimensão histórica: ela implica em mudanças porque os tempos mudaram” (p. 302). Ora, no que compete às traduções francesas, o cotejo permite inferir que os tempos não mudaram tanto assim, uma vez que os tradutores apresentam as mesmas travas diante da criação poética rosiana.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei, neste artigo, refletir sobre o conceito de retradução e suas implicações textuais, bem como na recepção da obra, uma vez que se trata de um texto cuja existência é duplamente relacional, já que tem como referentes o texto-fonte e a tradução precedente, o que suscita novos questionamentos quanto à sua natureza e constituição. Como vimos, para Gambier, a retradução surge (ou deveria surgir) da necessidade de reatualização da obra traduzida devido a transformações no gosto do leitor, suas necessidades e competências, além de questões de ordem temporal.

Contudo, após o cotejo do texto-fonte e das traduções francesas que compõem o *corpus* desse trabalho, foi possível identificar mais semelhanças que distanciamentos entre as traduções de 1965 e 1996. Ambas adotam procedimentos etnocêntricos, tais como adequação à norma gramatical, apagamento dos neologismos e das diversas variantes linguísticas, embelezamento, clarificação, entre outros.

Portanto, a análise aqui empreendida nos guia a uma conclusão distinta daquela apresentada por Kahn e Seth (2010) e Gambier (2020) ao refletirem sobre a função da retradução, uma vez que foi possível identificar mais semelhanças que distanciamentos entre as traduções francesas, sugerindo, com isso, poucas mudanças no gosto do leitor francês nos trinta e um anos que separam a publicação das traduções ou, ainda, a resistência do mercado editorial em aceitar tais manifestações com maior neutralidade, mas, sobretudo, assinalando a necessidade da retradução e da eterna busca por um maior entendimento do texto-fonte.

### REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. V. M. de *Traduzir é muito perigoso: as duas versões francesas de Grande Sertão: Veredas – historicidade e ritmo*. 2010. 234 f. (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- ALBRECHT, J. La retraduction: définition d’une problématique. In: *Retraductions: de la Renaissance au XXIe siècle*. Nantes: Université de Nantes, 2011.
- BALLARD, M. *Censure et traduction*. Arras: Artois Presses Université, 2011.
- BERMAN, A. La retraduction comme espace de la traduction. *Palimpsestes*, Paris, n. 4, p. 1-7, 1 set. 1990. OpenEdition. DOI: <http://dx.doi.org/10.4000/palimpsestes.596>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/596>. Acesso em: 13 set. 2020.
- BERMAN, A. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

- CAMPOS, H. de. *Transcrição*. In: TÁPIA, M.; NÓBREGA, T. M. (org.). São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CHEVREL, Y. La retraduction: und kein Ende. In: KAHN, R.; SETH, C. (org.). *La retraduction*. Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2010.
- GAMBIER, Y. Retradução, retorno e desvio. Tradução de Ana Carolina Freitas e Rodrigo D'Avila Braga Silva. *Belas Infiéis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 301-310, out./dez. 2020.
- KAHN, R.; SETH, C. *La retraduction*. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2010.
- LADMIRAL, J.-R. *Lever de rideau théorique: quelques esquisses conceptuelles*. *Palimpsestes*, n. 16, p. 15-30, 2004.
- LOMBEZ, C. *Retraductions: de la Renaissance au XXIe siècle*. Nantes: Université de Nantes, 2011.
- ROSA, J. G. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956.
- ROSA, J. G. *Diadorim*. Tradução de Jean-Jacques Villard. Paris: Albin Michel, 1965.
- ROSA, J. G. *Diadorim*. Tradução de Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Paris: Albin Michel, 1996.
- ROSA, J. G. *Correspondência com seu tradutor alemão, Curt Meyer-Clason*. Tradução das cartas em alemão: Erlon José Pascal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- TORRES, M.-H. C. *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*. Arras: Artois Presses Universitaires, 2004.
- XISTO, P.; CAMPOS, A. de; CAMPOS, H. de. *Guimarães Rosa em três dimensões*. São Paulo: Comissão Estadual de Literatura, 1970.